

## Os dramas de José Carvalho

Reginaldo Carvalho

Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – UFBA

Doutorando – Linha de pesquisa: Dramaturgia, História e Recepção

Orientadora: Prof. Dra. Angela Reis

Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Resumo: Os dramas de José de Souza Carvalho ou Zé da Almerinda (1910-1974), como repercussões do melodrama e do circo-teatro no sertão da Bahia. Entre os dados biográficos de José Carvalho destacam-se a temporada de seis meses no Circo Merediva; a localização da sua residência próxima a um terreno onde companhias circenses se instalavam; e a função de estafeta na Viação Férrea Leste Brasileiro - por onde chegavam muitas dessas companhias - como fatores preponderantes para a constituição da sua identidade artística. Essas experiências culminaram com a criação do seu Quintal-Teatro, onde suas peças eram ensaiadas e apresentadas antes da transferência para os auditórios do Instituto de Assistência à Infância, Salão Paroquial, e Ginásio Sagrado Coração, Colégio Marista.

Palavras-chave: Senhor do Bonfim-Bahia; Melodrama; Circo-Teatro; José Carvalho; Quintal-Teatro.

O diretor e dramaturgo bonfinense José Carvalho (1910-1974) foi um representante da teatralidade circense no interior da Bahia. Filho de José de Souza Carvalho e Almerinda Alexandrina Carvalho, ele tinha dois irmãos mais novos, Otávio e Maria da Glória Carvalho. Seu pai saiu de Olinda – PE aos 18 anos e veio para a Bahia assentar praça em Salvador, como militar, seguindo depois para Senhor do Bonfim, onde conheceu a esposa, natural do Crato – CE. Zé da Almerinda, como era chamado por muitos devido ao nome da sua mãe, nasceu em 13 de fevereiro de 1910, na cidade de Senhor do Bonfim, região norte do estado da Bahia e faleceu na mesma cidade em 16 de fevereiro de 1974, três dias depois de ter completado 64 anos.

O desejo de falar desse artista popular encontrou abrigo nas leituras das reflexões de Benjamin (1994, p.223) acerca dos conceitos de história, ao dizer que “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.” Mas a verdadeira imagem do passado passa com uma velocidade tal que a sua articulação histórica torna-se uma apropriação das suas reminiscências e não um conhecimento total de como ele de fato foi. Por isso, para não ser entregue às classes dominantes como instrumento, a classe oprimida e combatente deve posicionar-se como sujeito do conhecimento histórico (BENJAMIN, 1994).

Silva (2008) aponta para a existência de três nomes/núcleos produtores de teatro em Senhor do Bonfim, na virada da primeira para a segunda metade do século XX: Padre Valter, pároco local (e jovens ligados a ele), que tinham à sua disposição o prédio do

Instituto de Assistência à Infância, o Salão Paroquial; os irmãos Maristas, professores do Ginásio Sagrado Coração, que também dispunham de um auditório em seu prédio; e José Carvalho, a princípio no quintal da sua casa e posteriormente nos dois espaços acima citados.

Aos 31 anos José Carvalho deixou a cidade natal para seguir o *Circo Merediva* por seis meses, com o amigo João Palhaço, entre 1941 e 1942. De volta a Senhor do Bonfim, passou a trabalhar como estafeta na *Ferrovias Leste Brasileiro* (1943); casou com Alexandrina Alves (1943); e criou um Quintal-Teatro<sup>1</sup>, primeiro na Rua Campo Formoso (1943/1944 a 1948) e depois na Rua José Jorge (1948 a 1965).

A experiência no Circo Merediva e o gosto pelo circo-teatro fizeram José Carvalho improvisar um teatro no quintal da sua casa. Este Quintal-Teatro, dada a sua organização geométrica, e consideradas as devidas particularidades, aproximava-se dos *Pavilhões de Teatro*, estes por sua vez derivados do Circo-Teatro. Apesar das diferenças físicas estruturais dos três casos, o que há de mais forte em comum a todos eles é o repertório. É importante salientar aqui que o Quintal-Teatro da Rua José Jorge é mais um “palco do relento<sup>2</sup>”, apenas mais uma das tantas repercussões da arte teatral praticada nos circos brasileiros.

O fato de José Carvalho ter sido admitido na *Viação Férrea Leste Brasileiro* em 1943, no mesmo ano em que casou, contribuiu decisivamente para a criação e manutenção do seu Quintal-Teatro uma vez que os funcionários da *Leste Brasileiro* – que futuramente integraria a *Rede Ferroviária Federal* – gozavam de certa segurança econômica e razoável prestígio. Mas não fica aqui a relação da produção artística de José Carvalho com o seu trabalho formal, pois desde o assentamento dos primeiros trilhos da ferrovia, em 1887, abria-se para Senhor do Bonfim, segundo Silva (1971, p.91), a possibilidade real da “[...] sua integração econômica e penetração definitiva no caminho do progresso que, naquela época, já despontava nos horizontes da Bahia”, o que, sem dúvida, criou para José Carvalho novas condições de interação, sobretudo com as companhias circenses que chegavam à cidade pela estrada de ferro.

Depois que José Carvalho retornou do Circo Merediva em 1942, o Cine-Teatro São José, inaugurado em 1927, continuava sendo o único “espaço cênico” formal da cidade. E segundo as últimas edições do jornal *Correio do Bonfim* datadas do mesmo ano de 1942, a atividade teatral na cidade era quase inexistente, restringindo-se apenas às raríssimas montagens escolares do *Colégio das Irmãs Sacramentinas*, encenadas no palco do São

<sup>1</sup> Nomenclatura escolhida para designar o quintal da casa de José de Souza Carvalho, adaptado para teatro, em Senhor do Bonfim – BA.

<sup>2</sup> Expressão cunhada pelo pesquisador baiano Nelson de Araújo para fazer referência aos espaços usados na experiência teatral de Rodolfo Coelho Cavalcante, bem como a outras de natureza similar. Araújo (1982, p.116) diz que “A ‘troupe’ como se sabe, lançava mão de todos os recintos imagináveis para a encenação de espetáculos, quando não se aprovisionava do abrigo de um ‘pano-de-roda’ para tal finalidade”.

José. Somente mais tarde a cidade ganhou dois novos espaços que também eram destinados às representações teatrais: os auditórios do *Ginásio Sagrado Coração* ou *Marista* – fundado ainda na década de 40 (SILVA, 1971) – e do *Instituto de Assistência à Infância* - Salão Paroquial, criado nos anos 50. (SALÃO..., 1953).

Tanto o *Salão Paroquial* quanto o *Ginásio Marista* eram espaços apropriados para abrigar as peças de José Carvalho, não só pela estrutura física, mas também por razões ideológicas. A administração desses auditórios tinha fundamentos religiosos em função de serem desdobramentos institucionais da Igreja Católica, e os melodramas de José Carvalho pregavam os valores da família, da honra e da justiça, temas sempre presentes na pauta cristã. Depois que as apresentações de José Carvalho passaram a acontecer nesses palcos protegidos do relento, o quintal passou a ser o lugar dos ensaios, quando estes não aconteciam na varanda dos fundos ou dentro da própria casa do artista.

Entre as décadas de 1950 e 1960, José Carvalho escreveu e/ou montou as peças *Suplício materno*, *Filho do mar*, *Condenado Inocente* e *Família maldita*. Veremos que as peças *Filho do mar* e *Condenado inocente* parecem ser adaptações de peças cujos títulos ou argumentos são muito similares e que constituíram o repertório de alguns circos-teatros brasileiros, o que era bastante comum no período. Merísio (1999, p. 27) defende que: “Na medida em que era frequente o encontro de circenses e o intercâmbio de artistas entre circos, havia uma forte circulação de informações (...) fazendo circularem textos ou temas dramatúrgicos [...]”

Na tentativa de buscar matrizes desses espetáculos, algumas referências poderiam ser citadas simplesmente pela similaridade dos títulos e/ou argumentos. O teatro francês tem uma peça similar bastante conhecida: *A Filha do Mar*. Essa peça foi um dos dezessete melodramas mais interpretados no teatro brasileiro da Primeira República (1889-1930) (BRAGA, 2003). Não à toa ela também está entre as centenas de peças representadas por Procópio Ferreira durante a sua carreira (FERREIRA, 2000), além de ter integrado o repertório do *Pavilhão Teatro Bibi* em 1963 (REPERTÓRIO..., 1963) e do *Circo Nerino* a partir de 1950 (AVANZI e TAMAOKI, 2004). Mas, apesar da similaridade temática, trata-se de peças diferentes. Também aparece no repertório do Circo-Teatro Abelardo, de São Paulo, em 1961, a peça *Homem do mar*, cuja autoria é atribuída a Abelardo Campagnoli, proprietário do circo. (REPERTÓRIO..., 1961). Outra peça do repertório circense que mais se aproxima desse título é *Filho das ondas*, uma das 50 peças do repertório do Circo-Teatro Rosário de Antenor Pimenta, o mesmo autor do famoso *E o céu uniu dois corações*. (PIMENTA, 2005).

Entre as mais de 20 peças da companhia dramática de Tonico e Tinoco, das quais eles eram autores, encontra-se uma intitulada *Inocente condenado*. Durante 40 anos a dupla

apresentou-se em Circos e Teatros, criando também uma companhia circense, com a qual percorreram todo o país (DEMASI, 2001, p. 54). Em todo o referencial utilizado para esta pesquisa essa é a única referência encontrada próxima a este melodrama de José Carvalho, no qual, na comparação dos títulos, há apenas uma inversão de palavras, mas não é possível afirmar aqui que se trata da mesma peça. Alguns dos textos da dupla estão à disposição dos interessados no Cento de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (VARGAS, 1981), mas o texto em questão não consta no acervo. Um drama em dois atos intitulado *O Condenado* aparece no repertório do Circo Nerino em 1939, quando ele estava em Recife. Estreada em 1937 a peça também era chamada de *Lágrimas de Homem* ou *Uma causa célebre*. (AVANZI e TAMAOKI, 2004)

O teatro de José Carvalho não fugiu à regra dos melodramas circenses que apresentavam cenas curtas entre um ato e outro principalmente para “distrair” o público enquanto se realizava a troca de cenários. São chamados de *intermédio* ou *entremez* os números dramáticos ou musicais apresentados durante os entreatos de uma peça (PAVIS, 1999). Entre os números dramáticos e musicais presentes no teatro de José Carvalho encontraram-se: *A Cigana*; *A filha do rei*; *A morte*; *Boiadeiro*; *Brasileirinho*; *Tapuia*; *João, Maria e José*; *Jesus na casa dos Pobres*; *O Guarda Noturno*; *Peri e Ceci, Seu Pijuca*; *Suspiro*; *Vitória Régia*, etc.

Por fim podemos dizer que o trabalho de José Carvalho dava respostas técnicas aos problemas que se lhe apresentavam, tendo procedimentos metodológicos e um arcabouço técnico que permitiam a sua realização e que o ancoravam numa prática teatral simples - mas complexa em sua “engenharia” popular - e de contornos regionais completamente embevecidos de características de um fazer nacional, com o repertório e procedimentos do circo-teatro; e internacional, com os ecos do melodrama francês.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Nelson de. *O teatro do pobre: notas de cultura popular*. Salvador: UFBA, 1982
- AVANZI, Roger; TAMAOKI, Verônica. *Circo Nerino*. São Paulo: Códex, 2004
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRAGA, Cláudia. *Em busca da brasilidade: teatro brasileiro na primeira república*. São Paulo: Perspectiva, 2003
- DEMASI, Domingos. *Chanchadas e dramalhões*. Rio de Janeiro: Funarte, 2001

FERREIRA, Procópio. *Procópio Ferreira apresenta Procópio: um depoimento para a história do teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

MERÍSIO, Paulo Ricardo. *Pontos de Confluência entre espaço cênico, dramaturgia e cena nos circos-teatros*. In: Folhetim, Rio de Janeiro, n. 5, p. 22-33, out.1999

PIMENTA, Daniele. *Antenor Pimenta, circo e poesia: a vida do autor de – e o céu uniu dois corações*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999

REPERTÓRIO do Circo-Teatro Abelardo (1961, 1963). São Paulo: [S.l.: s.n.]. 4 f. Texto xerografado

REPERTÓRIO do Pavilhão Teatro Bibi (1963). São Paulo: [S.l.: s.n.]. 3 f. Texto xerografado

SALÃO Paroquial. *O Círio*, ano I, n. 08, p. 6, 28 de mar.1953

SILVA, Adolfo. *Bonfim, terra do bom começo*. Salvador: Mensageiros da Fé, 1971

SILVA, Reginaldo Carvalho da. *Os dramas de José Carvalho: ecos do melodrama e do circo-teatro no sertão baiano*. Salvador (UFBA): Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Dissertação de Mestrado, 2008.

VARGAS, Maria Tereza (Coord.). *Circo, espetáculo de periferia*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1981